

**MOVIMENTOS CULTURAIS:
TURISMO E MEIOS DE HOSPEDAGEM EM PIRENÓPOLIS**

**CULTURAL MOVEMENTS: TOURISM AND MEANS OF HOSTING IN
PIRENÓPOLIS**

João Guilherme da Trindade Curado

Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Pirenópolis. Mestre e Doutor em Geografia. Líder do Grupo de Pesquisa Saberes e Sabores Goianos.

joaojgguilherme@gmail.com

Karla Gabriela de Novais Silva

Acadêmica do Curso de Tecnologia em Gastronomia pela UEG/UnU-Pirenópolis. Bolsista PIBIC/CNPq no Projeto de Pesquisa UEG: “História dos meios de hospedagem em Pirenópolis”.

karlinha_gabriela@hotmail.com

Adolpho Randes Mesquita Ferreira

Acadêmico do Curso de Tecnologia em Gastronomia pela UEG/UnU-Pirenópolis. Bolsista PBIC/UEG no Projeto de Pesquisa UEG: “História dos meios de hospedagem em Pirenópolis”. Integrante do Grupo de Pesquisa Saberes e Sabores Goianos.

adolpho02@hotmail.com

Rosana Romenia Fernandes Leal

Acadêmica do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo pela UEG/UnU-Pirenópolis. Bolsista PBIC/UEG no Projeto de Pesquisa UEG: “História dos meios de hospedagem em Pirenópolis”. Integrante do Grupo de Pesquisa Saberes e Sabores Goianos.

rosanaromenia@hotmail.com

Diógenes Alves Stival

Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Pirenópolis. Especialista em Turismo Rural. Integrante do Grupo de Pesquisa Saberes e sabores Goianos. (Colaborador).

diogenes.stival@ueg.br

RESUMO: Os movimentos de encontro entre povos e culturas diferentes são uma constante a partir da intensificação do turismo, atividade que no Brasil se intensificou oficialmente desde a criação da Embratur (1970), momento também do crescimento de muitas cidades. Pirenópolis é uma pequena cidade goiana surgida com o ouro e beneficiada pelo “entroncamento” de estradas, o que a transformou em “entrepasto comercial” ainda no século XIX, mesma centúria em que recebeu a visita dos viajantes europeus que acabam por se acomodar em meios de hospedagem ainda precários. Em meados do século XX a cidade torna-se atrativo turístico, devido a rica cultura local; sendo que inicialmente os turistas possuíam poucas acomodações, mas que foram se multiplicando com o passar do tempo. A análise aqui proposta se dará por meio das poucas referências sobre os meios de hospedagem, mas terá por foco principal as “memórias coletivas” por meio de reportagens e de sociabilidades junto aos antigos moradores, objetivando compreender as relações sociais contemporâneas delimitadas a partir do conjunto

de novas práticas estabelecidas pela atividade turística e pela hospitalidade: recentes vocações da cidade, que se caracteriza por ser um dos destinos mais procurados de Goiás e sempre presente na mídia, o que vem alterando significativamente o cotidiano local do pirenopolino.

PALAVRAS-CHAVE: Meios de Hospedagem; Turismo; Pirenópolis.

ABSTRACT: The movements of meetings among different peoples and cultures are a constant from the intensification of tourism activity, which in Brazil officially intensified since the creation of Embratur (in 1970), being also the moment of growth of many cities. Pirenópolis Goiás is a small town emerged by the gold digging and benefited by the "intersection" of roads, which turned the town into a "trading post" in the nineteenth century, the same century that was visited by European travelers who end up settling in means of hosting still precarious. In the mid-twentieth century the city became a tourist attraction because of the rich local culture, where tourist had in that initially the very few accommodations, which were multiplying over time. The analysis proposed here will be through the few references about the lodging facilities, but shall primarily focus on the "collective memories" through reports and social living among the old residents, aiming to understand the bounded contemporary social relations from the set of new practices established by the tourism and hospitality: recent vocations of the city, which is characterized by being one of the most popular destinations in Goiás and ever present in the media, which has significantly changed the daily life of the local citizens.

KEYWORDS: Meanings of hosting; Tourism; Pirenópolis.

Às margens do Rio das Almas surgiu, em 1727 de acordo com Jayme (1971) um núcleo minerador que deu origem às Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, atual Pirenópolis, que no transcorrer de quase três séculos de existência foi alterando as atividades econômicas ali desenvolvidas, desde a exploração aurífera a atual atividade turística (CURADO, 2010).

Em vários momentos da história desta cidade goiana há referências à existência de locais destinados aos meios de hospedagem e por diversas razões, principalmente ligadas, inicialmente, às atividades econômicas e mais recentemente ao lazer.

Desde o período da mineração, havia inúmeros deslocamentos e “Meia Ponte, por sua vez, gozava de posição privilegiada no *entroncamento das vias* de comunicação inter-regionais” (ESTEVAM, 2004, p. 42 — grifo nosso). No entanto, foi Capistrano de Abreu quem explicou a posição de “entroncamento” apontada anteriormente: “Meia Ponte, além de ponto de intersecção da rota São Paulo-Goiás, tinha acesso aos caminhos, ao leste, para Minas Gerais via Santa Luzia e Paracatu; para Pernambuco, via norte de Goiás e também para o extremo oeste em direção a Cuiabá” (1960, p. 84). Estas estradas e rotas podem ser

visualizadas, também, por meio dos mapas expostos em “Estrada Geral do Sertão — na rota das nascentes” (MAGALHÃES; ELEUTÉRIO, 2008).

Os primeiros meios de hospedagem em Goiás surgiram ainda no período da mineração e foram estabelecidos

notadamente, ao longo dos antigos caminhos que ligavam a área de Goiás e Tocantins a São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia; normalmente, situavam-se nas encruzilhadas ou passagens de rios ou serras, acolhendo tropas e tropeiros. Os locais evoluíam para pequeno comércio, prestação de pequenos serviços e diversões, até formar cidades (GOMES; TEIXEIRA NETO, 1993, p. 78).

As utilidades destes pousos se davam “em função do intenso movimento desses tropeiros, ao longo dos caminhos e estradas” que contribuíram para o surgimento de “pousos e pequenos comércios, que funcionavam como entrepostos dessas intermináveis jornadas” (MAGALHÃES; ELEUTÉRIO, 2008, p. 66). No entanto, os referidos autores lembram que: “esses lugares quase sempre eram mal vistos pelas autoridades portuguesas, pois era justamente nos pousos que surgiam a prostituição, o contrabando e também aconteciam as reuniões para conspirar contra a Coroa” (2008, p. 66). E continuam apontando que

na ausência desses [os pousos], em percursos totalmente desabitados, quando se viajava dias e dias sem encontrar ninguém pela estrada e nenhum rancho, os tropeiros improvisavam abrigos debaixo de árvores, ou mesmo em campos abertos, sob a proteção de rústicos abrigos de palha ou mesmo de couro (MAGALHÃES; ELEUTÉRIO, 2008, p. 66).

Independente dos incentivos ou da falta deles, Pirenópolis, então Meia Ponte, devido a sua localização geográfica privilegiada para a época colonial, — o que contribuiu para receber a denominação de “entroncamento” ou de “entreposto” — teve a necessidade de ter meios de hospedagem para abrigar os passantes que por aqui circulavam e que não possuíam local para se abrigarem caso não fosse esta prestação de serviço.

Meia Ponte

Durante toda a história da cidade de Pirenópolis os meios de hospedagem estiveram presentes, a princípio os desbravadores que se aventuravam pelo interior das terras goianas em busca de ouro, mais adiante com o surgimento de vilas e de cidades que recebiam os viajantes europeus do século XIX, sendo que

com a retração do ouro, os pousos, minúsculos aglomerados urbanos, foram se adaptando aos carreiros, boiadeiros e tropeiros, hóspedes que praticavam um novo tipo de comércio advindo da agricultura e pecuária, que abasteciam a população de Goiás com produtos oriundos de São Paulo e Rio de Janeiro (GALLI, 2005, p. 15).

Assim, é possível compreender que pela ocasião da substituição da economia baseada na exploração aurífera pela agropecuária, o comércio de tropeiros se intensifica, o que exigiu que se providenciassem meios de hospedagens para abrigar os comerciantes que transitavam pela localidade, trazendo e levando não apenas mercadorias diversas, mas também colaborando para o intercâmbio cultural da então Meia Ponte.

Os movimentos culturais que aconteceram com a chegada do século XIX em Meia Ponte são geralmente condicionados à chegada de Joaquim Alves de Oliveira, natural de Pilar de Goiás e que se estabeleceu nas terras meiapontenses consolidando um forte comércio a partir da diversificada produção do Engenho de São Joaquim, como era conhecida a Fazenda Babilônia, por ele construída no início daquela centúria.

Como bom empreendedor que era, assim como possuidor de um vasto patrimônio, começou a investir não só na produção e comercialização de bens ligados à agropecuária, mas abriu uma hospedaria no final da via urbana que dava acesso à Vila boa de Goiás, então sede administrativa goiana. Esta hospedaria foi denominada por “Estalagem” e abrigou os que visitavam a localidade por cerca de 150 anos, até quando foi demolida.

Se no século XIX havia vários privilégios de comunicação de Meia Ponte com o restante do Brasil é impossível ficar indiferente aos movimentos culturais que surgiram da intersecção de vários fatores que se beneficiaram daquele contexto de relações comerciais estabelecidas e da valorização e da implementação da vida cultural, principalmente com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro.

Como estava no centro das rotas que eram bastante utilizadas pelo Comendador Joaquim Alves de Oliveira para transportar, principalmente, algodão para os portos de Salvador e do Rio de Janeiro, é possível imaginar que ele ou seus representantes tendo contato com os movimentos culturais em voga naquelas importantes localidades tenha interiorizado tais conhecimentos em Meia Ponte, que de acordo com Costa “afirmou-se como centro cultural e artístico” da então Província (1978, p. 71).

Em publicação de 1943, Jarbas Jayme apresenta um estudo sobre a vida do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, uma personalidade que segundo o autor, se destaca

não só pelos empreendimentos econômicos que movimentam a antiga Meia Ponte, mas também pelo destaque desprendido em função da cultura local. Foi ele quem fundou a Banda da Guarda Nacional, a primeira biblioteca pública local e ainda o jornal Matutina Meiapontense, primeiro jornal brasileiro editado fora de uma capital, que circulou no que hoje compreende o Centro-Oeste brasileiro e trazia notícias da sede do então Império, o Rio de Janeiro.

Dos vários intercâmbios comerciais que realizava com Salvador e como Rio de Janeiro, Joaquim Alves levava produtos como algodão e trazia gêneros não produzidos em Goiás, assim como novidades culturais. Provavelmente coube a ele o mérito de trazer inúmeras composições musicais e peças teatrais para serem executadas e encenadas em Meia Ponte.

O movimento operístico em Pirenópolis, estudado por Ana Guiomar Rêgo Souza (1998), demonstra a importância da atividade cultural ligada à musicalidade desenvolvida em Meia Ponte no século XIX, em que as apresentações se davam, inclusive nas ruas, por isso a “era dos barracões” apresentada pela autora. Mas é interessante notar que “as casas, entre outros aspectos, ao funcionarem como coxias, passam a representar uma extensão do universo teatral — espaço onde, de igual forma, as noções de público e privado são relativizadas” (1998, p. 19).

Pensar na relativização das moradias entre as noções de privado e público também pode ser aplicada, além do teatro, no que se refere à hospedagem. Uma vez que a casa meiapontense destacava em sua planta espaços destinados à família, portanto à privacidade do lar, ou seja os cômodos mais internos, enquanto que a frente, limite com a rua, era a parte social, ou mesmo pública da residência, e portanto, espaço para abrigar o não familiar, o visitante¹.

Quando de sua passagem por Meia Ponte, em 1819, Johann Emanuel Pohl, nos apresenta a primeira, até hoje conhecida, descrição de um meio de hospedagem da localidade: “a estalagem, no extremo da cidade, tão mal aparelhada que tive de tomar emprestadas, do vigário do local, mesa e cadeiras para poder receber as visitas distintas” (POHL, 1976, p.117). Se a hospedagem era precária o mesmo ele não pode qualificar a hospitalidade, uma vez que segundo continua em seu relato das pessoas que o visitaram: “vieram o comandante e o juiz, o

¹Algumas plantas baixas recorrentes das casas de Pirenópolis podem ser vistas nos trabalhos: Casas de Pirenópolis, de autoria dos pirenopolinos Jarbas Jayme e de seu filho José Sisenando Jaime (2002) e também na pesquisa da arquiteta Adriana Mara Vaz de Oliveira que realiza “Um estudo da casa meia-pontense” (2001).

próprio vigário, alguns sacerdotes e o professor remunerado de língua latina” (POHL, 1976, p.117).

Sorte diferente tivera o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire que passou por Meia Ponte meses depois da visita de Pohl, conforme relato por ele deixado: “antes de chegar a Meia-Ponte mandei José Mariano à casa do vigário, a fim de que me arranjasse uma casa desocupada onde pudesse alojar-me. O vigário atendeu ao meu pedido, indicando-me uma casa bastante confortável” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 36).

A partir de Meia Ponte Saint-Hilaire segue viagem para Jaraguá, Ouro Fino, Ferreiro, Goiás e retorna a Meia Ponte, de onde escreve o seguinte relato:

depois de tantas jornadas tediosas e cansativas através dos sertões, senti-me feliz por me achar numa casa que reunia todo o conforto que a região podia oferecer, onde eu gozava de inteira liberdade e cujo proprietário, um homem esclarecido, tinha por mim toda consideração. O tempo que passei na casa de Joaquim Alves foi muito proveitoso (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 100).

Os relatos dois viajantes europeus que passaram por Meia Ponte nas décadas iniciais do século XIX demonstram como eram precários os meios de hospedagem na localidade, uma vez que tais estabelecimentos, mesmo em um número reduzido, eram destinados basicamente a comerciantes que se contentavam com pouco ou nenhum conforto. Tal situação aponta para o ato de receber visitantes “ilustres” nas residências das pessoas mais abastadas, para que eles tivessem maior conforto — uma prática hospitaleira bastante comum entre os goianos de então.

Enfim, pode-se afirmar que no início do século XIX, a então Meia Ponte, “possuía uma localização privilegiada, que abarcava as principais vias de comunicação que interligavam o Brasil nos sentidos: leste/oeste e norte/sul, o que facilitou o que pode ser considerado como o prenúncio da atividade turística na região” (SILVA; LEAL, 2013, p. 9).

Pirenópolis

O final do século XIX é marcado por intensas transformações no Brasil, uma vez que alterou não só o modelo de produção baseado antes no escravismo e a partir de 1888 com o trabalho livre, mas também na forma de governo, com a implantação da República em 1889. Um dos reflexos das mudanças, que propagandeavam a inserção da modernidade no Brasil,

foi sentia em Meia Ponte que alterou sua toponímia para Pirenópolis em 21 de janeiro de 1890 (JAYME, 1971).

Outro reflexo significativo foi a alteração do eixo econômico que se centrava anteriormente na cidade e que fora deslocada para outras localidades, como Anápolis, por exemplo. Fazendo com que o comércio meiapontense entrasse em crise e que a população cada vez passasse a ter uma vida mais rural e dedicada às atividades agropastoris.

Na década que antecede o início do século XX, Pirenópolis foi sede da Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil, também conhecida por Comissão Cruls em uma homenagem ao belga Luiz Cruls, o chefe da expedição que tinha por objetivo estudar uma área no Planalto Central do Brasil para implantação da nova capital federal. No entanto, “quando chegaram a cidade dos Pireneus se depararam com um imprevisto: a falta de um meio de hospedagem que conseguisse acomodar todos os integrantes da equipe” (CURADO; FERREIRA, 2013, p. 5).

A solução encontrada foi hospedar parte da equipe na antiga Pensão Central, situada no Largo da Matriz, na propriedade de “Ana Maria de Jesus (Ana Rosalina) onde ela manteve, durante muitos lustros, sua tradicional pensão, continuada pelo filho” (JAYME; JAIME, 2002, p. 212). Era uma pensão simples, mas que estava em funcionamento, diferentemente da “Estalagem” em que Pohl se hospedou, que na virada para o século XX, estava em ruínas e indo “a leilão, em hasta pública” (JAYME; JAIME, 2002, p. 149).

Para os pesquisadores foi alugada uma ampla casa situada na principal via pública e que também era início do caminho que ligava Pirenópolis à cidade de Goiás, antiga capital do estado. A casa da Rua Direita que pertencia à família Goulão “era então a mais distinta residência da cidade” (JAYME; JAIME, 2002, p. 173). Além da excelente localização e dos amplos cômodos, possuía um enorme quintal em que a tropa da Comissão podia permanecer; assim como abrigar a grande quantidade de equipamentos por eles trazidos para realizarem os estudos demarcatórios que acabaram por estabelecer o “Quadrilátero Cruls”, que viria posteriormente abrigar o Distrito Federal em Brasília.

Com a partida da Comissão, de volta à Capital Federal litorânea, houve em Goiás certa expectativa de início das obras da Capital do Planalto Central, mas os ânimos foram logo se esmorecendo ao mesmo tempo em que se tramava a transferência da capital estadual, retirando-a da cidade de Goiás — uma ideia antiga e que começava a se materializar com a subida de Pedro Ludovico Teixeira ao poder no início da década de 1930 (CHAUL, 1988).

Em outra obra o referido autor propõe estudo sobre “a construção de Goiânia: a utopia do progresso na Marcha para o Oeste” (2010). No entanto, a ideia de progresso era aliada ao termo “moderno” que se contrapunha a toda a herança goiana principalmente colonial, com núcleos urbanos que seguiam os cursos d’água e que não possuíam, portanto, planejamentos urbanísticos, o que contribuía para a constituição de ruas estreitas e não retilíneas, assim como becos.

A negação do passado se evidenciou nos traços da arquitetura escolhida para Goiânia, a nova capital de Goiás, que escolheu o estilo então em voga, o Art Dèco, da escola francesa em que se pautava, basicamente, em três elementos construtivos: o concreto, o ferro e o vidro que se opunham aos materiais disponíveis e utilizados anteriormente nas construções goianas: o barro, a madeira e a pedra.

Com a construção e inauguração de Goiânia, foram vários os pirenopolinos que para a nova cidade se mudaram, deixando suas residências na antiga Meia Ponte como segunda moradia, principalmente em momentos de festas, para os quais sempre traziam conhecidos que também passaram a residir na nova capital.

Em Pirenópolis neste primeiro momento não há perspectivas de abertura de novos meios de hospedagem além dos já existentes que contava também com o outro estabelecimento localizado na Rua Direita, a Pensão de Cremilde, que funcionou entre os anos de 1936 a 1948, quando foi vendida para Sebastião Basílio, que ao comprá-la a transferiu para o outro lado da rua, onde atualmente se encontra o Fórum da cidade, e a renomeou com o nome Pensão Oriente. As informações nos foram apresentadas por Ana de Pina Siqueira, que atualmente aos 86 anos de idade presenciou aquele período por ser uma vizinha de tias estabelecimentos.

Outra colaboração vem de Maria Olívia Oliveira Siqueira, filha de Sebastião Basílio, que vivia com os pais na Pousada Oriente, até o ano do fechamento da mesma em 1958. Sobre a adaptação da casa para pousada ela nos conta que: “os quartos dos hóspedes eram mais afastados, o de mamãe e os nossos eram na parte de baixo. O casarão tinha uma escadaria, descia assim, e lá em baixo tinha cômodos que eram os nossos” (SIQUEIRA, M, 22/07/2013). Sobre as acomodações dona Maria conta que “alguns quartos eram para um corredor grande assim, e papai fez divisórias, tudo de madeira”, o que demonstra que mesmo permanecendo em funcionamento durante uma década havia certo ar de improvisado nas acomodações.

Narra ainda, baseada em suas memórias, sobre os hóspedes que frequentavam a Pousada Oriente: “vinha muita gente de fora, viajante, fiscal de Imposto de Renda como o doutor Eliazar Batista Silva que foi hóspede nosso muito tempo” (SIQUEIRA, M, 22/07/2013), por quase quatro anos. “Morava também um pessoal de Goiás, que vinha para cá, professora casada, com filhos, tudo morava lá, a casa era cheia”, continua dona Maria lembrando que era uma prática comum que hóspedes permanecessem por mais de ano na Pensão.

Concomitante à Pensão oriente existiu a Pensão Central, com uma localização privilegiada pela proximidade da Igreja Matriz e também por ser ponto final dos ônibus ou “carros de condução” que chegavam e partiam de Pirenópolis, o que facilitava o acesso dos visitantes ao estabelecimento, que mesmo sendo precário, acabava por acomodar os chegantes.

Outra importante referência da hospitalidade pirenopolina vinha da Pensão Padre Rosa, que, segundo Galli (2005):

abriu as portas em 1952, na Rua da Aurora, 15, por iniciativa de Joanito Jayme, que alugava cinco quartos e fornecia refeições. No ano de 1976 ele morreu e seu filho, Ranulfo Jayme, continuou conduzindo o restaurante até 1983, porém não mais funcionando o acolhimento de hóspedes (p. 99).

A Pensão Padre Rosa, voltou a funcionar como restaurante na década de 1990 e ainda é um ponto de destaque sobre a gastronomia goiana, tanto pela qualidade quanto pela quantidade de comida e doces que são servidos aos que ali frequentam — moradores ou visitantes.

Dois outros empreendimentos familiares compuseram o rol de meios de hospedagem em Pirenópolis nos momentos anteriores ao surgimento da grande demanda turística que tomou conta da cidade a partir de meados da década de 1980: o Rex Hotel, o mais antigo estabelecimento de hospedagem em funcionamento atualmente na cidade e que já passou por várias reformas, inclusive diminuindo o número de acomodações no intuito de mais conforto propiciar aos que ali se hospedam. E a Pousada das Cavalhadas, situada também no Largo da Matriz.

Em 1980 foi publicado o livro: “Pirenópolis, uma cidade para o turismo” em que a autora, em determinado momento afirma que um dos requisitos principais para o

desenvolvimento da atividade turística no município seria a “criação, em caráter urgente, de um Hotel de nível turístico” (CURADO, 1980, p. 159).

A situação naquele período era bastante agravante, uma vez que não havia planejamento e muito menos infraestrutura para acomodar todos os visitantes que se deslocavam para a cidade. A falta de meios de hospedagem propiciou acomodações precárias, em áreas próximas ao Rio das Almas, em improvisados acampamentos em que não se tinha nenhuma organização.

O desconhecimento ou a falta de um estudo da demanda que ali chegava, nos moldes propostos por Perez (2005), impossibilitou, inicialmente, qualquer organização ou política voltada para o turismo. Tal situação fez com que parte significativa da comunidade não aderisse ou mesmo aceitasse a atividade turística naqueles moldes em que vinham se mostrando.

Por outro lado, a grande exposição da cidade na mídia e as notícias constantes sobre Pirenópolis despertou interesse de outro público, disposto a investir em estabelecimentos voltados para a atividade turística, e foi a partir de então que se começou a pensar e planejar tal atividade em Pirenópolis.

O surgimento do Hotel Quinta de Santa Bárbara, vizinho à igreja do Bonfim alterou significativamente o cenário hoteleiro em Pirenópolis, pois adaptaram um antigo casarão para a parte social do estabelecimento, sendo que os apartamentos foram dispostos pelo enorme quintal em forma de chalés, uma novidade então para a cidade. Outro ponto que chama a atenção foi ser o primeiro empreendimento de hospedagem com administração profissional e não familiar.

Assim, com o turismo, Pirenópolis passou por algumas transformações, também relativa à organização de seu espaço geográfico, como, por exemplo, o observado por Siqueira, que aponta para um

movimento de transformação periférica. É interessante observar como as áreas periféricas da cidade, que no passado abrigava uma população mais pobre, hoje estão passando por uma grande transformação social, com edificações de residências modernas e pousadas, destinadas a um público de maior poder aquisitivo, seja ele local ou turístico (SIQUEIRA, 2004, p. 17).

Considerações Finais

Partindo do exposto por Siqueira (2004) que aponta mudanças configurativas, também em função das atividades turísticas no município de Pirenópolis, há de se perceber a ampliação urbana levou à ocupação de áreas outrora verdes nas proximidades ou no interior da cidade.

Outro ponto que chama a atenção a partir da informação do autor acima mencionado é o fato da construção de pousadas em pontos que não o centro, como era comum até bem pouco tempo. Em dados levantados junto à Secretaria Municipal de Finanças, por meio da Coletoria Municipal, através da documentação referente aos Alvarás de funcionamentos voltados para os meios de hospedagem, foi possível identificar 122 estabelecimentos formais, sendo que deste montante apenas 42 estão atualmente localizados no Centro Histórico de Pirenópolis.

Tal constatação gerou como reflexão alguns pontos significativos: a) a área tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) possui uma legislação rigorosa no que se refere a alteração do patrimônio edificado, inclusive sobre ampliações, o que vem desestimulando a transformação de antigos casarões em meios de hospedagem; b) o traço urbanístico de Pirenópolis disponibilizou ruas estreitas, o que vem tornando o trânsito confuso e as áreas de estacionamento restritas, uma vez que a maioria dos empreendimentos de hospedagem situadas no Centro Histórico ou não possuem estacionamento privativo ou quando o tem não é capaz de suprir a demanda do estabelecimento; c) em outras áreas mais espaçosas o empreendimento pode oferecer mais e melhores serviços aos hóspedes, como piscina, áreas de lazer e recreação.

Assim, diante deste novo movimento cultural de valorização da cultura e da natureza, Pirenópolis foi mais uma vez beneficiada, pois apresenta uma diversidade natural significativa e também com os aspectos culturais, impulsionados com o reconhecimento da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como patrimônio cultural do Brasil em 2010. Diante de todos estes fatos é notável que os meios de hospedagem venham buscando se adaptar para melhor receber.

Referências

CAPISTRANO DE ABREU, João. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1960. 311p.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **A construção de Goiânia e a transferência da capital.** Goiânia: Cegraf/UFG, 1988. 174p.

_____. **Caminhos de Goiás:** da construção da decadência aos limites da modernidade. 3. ed. Goiânia: UFG, 2010. 288p.

COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. **Arraial e Coronel:** dois estudos de história social. São Paulo: Cultrix, 1978. 206p.

CURADO, Glória Grace. **Pirenópolis, uma cidade para o turismo.** Goiânia: Oriente, 1980. 176p.

CURADO, João Guilherme da Trindade. Do ouro ao turismo: discussões sobre a história urbana de Pirenópolis. In: **Caderno de Resumos do XIV Encontro de História da Unidade Universitária Cora Coralina.** Cidade de Goiás: UEG/UnU-Cora Coralina, 2010.

CURADO, João Guilherme; FERREIRA, Adolpho Randes Mesquita. Meios de Hospedagem em Pirenópolis — século XX. In: **Anais da XII Semana de História: “Tempo, História e Mundo da Vida”.** Goiânia: UFG, 2013. pp.1-14. (CD-Rom).

ESTEVAM, Luís. **O tempo da transformação:** estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. 2. Ed. Goiânia: UCG, 2004. 238p.

GALLI, Ubirajara. **A história da hotelaria em Goiás:** dos pousos dos bandeirantes ao século XXI. Goiânia: UCG/Contato Comunicação, 2005. 120p.

GOMES, Horieste; TEIXEIRA NETO, Antônio. **Geografia Goiás-Tocantins.** Goiânia: UFG, 1993. 227p.

JAYME, Jarbas. **Cinco Vultos Meiapontense.** s/l: Biblioteca Genealógica Brasileira, 1943.114p.

_____. **Esboço Histórico de Pirenópolis.** Goiânia: UFG, 1971. 624p.

JAYME, Jarbas; JAIME, José Sisenando. **Casas de Pirenópolis:** casas dos homens. Goiânia: UCG, 2002. Vol II. 316p.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo; ELEUTÉRIO, Robson. **Estrada Geral do Sertão:** na rota das nascentes. Brasília: Editora Terra Mater Brasilis, 2008. 242p.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX:** um estudo da casa meia-pontense. Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2001. 280p.

PEREZ, Amparo Sancho (Coord.). **Introdução à metodologia da pesquisa em turismo.** Trad. Gleice Regina Guerra e Thais Spiezzzi Rinaldi. São Paulo: Roca, 2005. 287p

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1976. 417p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRENÓPOLIS. **Alvarás de funcionamento**. Pirenópolis: Secretaria Municipal de Finanças. Diversos anos.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à província de Goiás**. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/USP, 1975. 158p.

SILVA, Karla Gabriela de Novais; LEAL, Rosana Romenia Fernandes. Meios de Hospedagem em Pirenópolis — século XIX. In: **Anais da XII Semana de História**: “Tempo, História e Mundo da Vida”. Goiânia: UFG, 2013. pp.1-14. (CD-Rom).

SIQUEIRA, Ana de Pina. Entrevista realizada em Pirenópolis, 28/04/2013. (83 anos de idade).

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. **Pirenópolis**: identidade territorial e biodiversidade. Rio de Janeiro: Loyola, 2004. 79p.

SIQUEIRA, Maria Olívia Oliveira. Entrevista realizada em Pirenópolis, 22/07/2013. (86 anos de idade).

SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. **A “era” dos barracões**: uma abordagem histórico-social da ópera em Pirenópolis – século XIX. Goiânia: EMAC/UFG, 1998. 110f. (Mestrado em Artes).